

Adeus à paz



Por **FLÁVIO AGUIAR***

A bandeira da paz está em situação crepuscular, enquanto a aurora de dedos cor-de-rosa faz a da guerra levantar-se no horizonte

“Eu sei que a noite não é igual ao dia” (Ernest Hemingway, *Adeus às armas*).

“Nós estamos abandonados feito crianças, e somos experimentados como os velhos, somos brutos, infelizes e superficiais – eu acho que estamos perdidos” (Erich Maria Remarque, *Nada de novo da frente ocidental*).

O que seria do Velho Mundo sem uma guerra de quando em quando? Perderia sua identidade e o elo com seu passado? Bem, a situação é diversa daquela do líder do Novo Mundo, os Estados Unidos que, pelo visto, precisam de uma guerra sempre.

É verdade que estes espaços geopolíticos protagonizaram movimento pacifistas de porte no passado. Na Europa, pelo menos desde a Primeira Guerra Mundial, quando intelectuais de diferentes origens se refugiaram na Suíça e fundaram alguns dos movimentos de vanguarda da arte de então. Naquele momento a paz também se tornou uma bandeira dos movimentos comunistas internacionais. Mas estes eram vistos por outros como traidores lesa-pátria de todos os lados do conflito.

Nos Estados Unidos o movimento pacifista cresceu enormemente durante a Guerra do Vietnã, embora já existisse antes, desde o tempo dos *beatniks*, nos anos 1950. O mesmo aconteceu na Europa Ocidental durante os anos da Guerra Fria, e o temor da eclosão de uma guerra nuclear potenciou os movimentos de ambos os lados do Atlântico. Desta conjuntura nasceram os Partidos Verdes no continente europeu, aliando a bandeira da paz entre os Estados nacionais a uma pacificação das relações humanas com a natureza circundante. A social-democracia europeia agitava a bandeira de uma “terceira via” de compromisso entre preocupações com o coletivo e as liberdades individuais, navegando no mar tempestuoso dominado pelas potências armadas da Guerra Fria.

Do lado oficial, nunca houve uma renúncia à guerra. Países do Ocidente europeu, como a França e Portugal, se viram diretamente envolvidos nas guerras coloniais, e do lado opressor. Os Estados Unidos se envolveram direta ou indiretamente na repressão a movimentos de libertação nacional e/ou socialista na América Latina, na Ásia, na África e no Oriente Médio, além de manterem uma vigilância constante sobre no cenário europeu, ajudando movimentos de extrema direita como o da ditadura grega, e a longa duração dos regimes franquista e salazarista, além de colaborar para impedir movimentos esquerdistas em outros países, como na Itália. Aqui, ali e acolá tiveram o apoio de aliados valiosos, como a Austrália e o Reino Unido, enquanto este liquidava o que restava de seu Império onde o sol jamais se punha e abria espaço para o estabelecimento de alguns santuários fiscais no Caribe.

Necessário é reconhecer que estas águas eram mesmo tempestuosas, pois por cima da Cortina de Ferro espiava sempre o perigo comunista, através da União Soviética e do Pacto de Varsóvia, além dele crescer desmesuradamente na China Continental e arredores e perigosamente no quintal norte-americano, em Cuba. Por isto mesmo o democrático império norte-americano se viu na circunstância sempre presente de apoiar, estimular e financiar ditaduras sangrentas pelo mundo afora, chegando a treinar seus agentes de baixo, médio e alto escalão em técnicas de tortura, assassinato e desaparecimento de cadáveres inconvenientes. Não que do outro lado da Cortina de Ferro se vivesse num paraíso dos

direitos humanos: o inferno era semelhante, e vez por outra os tanques soviéticos faziam sua aparição para sufocar movimentos perigosamente libertários, como em Berlim Oriental em 1953, na Hungria em 1956 e na Checoslováquia em 1968.

Na Europa, a Pax Americana mantinha seu braço armado, a OTAN, sempre vigilante: desde há muito o Velho Mundo se transformou num protetorado militar de Washington com alguns laivos de autonomia. Ao contrário de atenuar, a dissolução da União Soviética e a derrocada do mundo comunista aumentaram a intensidade destes laços protetores. A paz prometida, a seguir, pela progressiva fundação da União Europeia foi sempre acompanhada pelo traço guerreiro da presença protetora da OTAN, manifesta, por exemplo, nos severos bombardeios durante a Guerra nos Balcãs, ajudando a destruir de vez o que restava da agonizante e não-alinhada Iugoslávia.

E a OTAN foi estendendo sua ação, chegando ao norte da África e ao Afeganistão, além dos Estados Unidos estenderem sua intervenção ao Iraque. Embora com algumas dissidências, em geral os partidos social-democratas europeus se submeteram à *Pax Americana* e à OTAN. Um pouco mais relutantes, e também com exceções, os Partidos Verdes foram se alinhando no mesmo brete. Simultaneamente o mundo social-democrata europeu aderiu de vez ao neo-liberalismo triunfante e a seus planos de austeridade social e desregramento financeiro que se espalharam pelo mundo, notadamente depois da militância Reagan-Tatcher e da cruzada anti-comunista de João Paulo II.

O nascimento do chamado “terrorismo islâmico” só veio reforçar as tendências beligerantes que cresciam no “Ocidente”, que foi se transformando num véu de limites nebulosos e incertos por falta de um inimigo concreto e mais próximo. Ainda que este “terrorismo islâmico”, ajudado pelos Estados Unidos quando os movimentos que lhe deram origem combatiam a finada União Soviética, fosse o inimigo perfeito, oculto nas sombras, com seu potencial de intervenções tentaculares e imprevisíveis em toda parte.

Mas o inimigo concreto e mais próximo logo renasceu das cinzas da antiga União Soviética: a Rússia sob a liderança de Vladimir Putin. Houve uma simbiose: Putin, ele mesmo, ex-chefe da KGB, também renasceu das cinzas da finada URSS, retrabalhadas pelo pró-Ocidente Boris Yeltsin, que acabou por afundar o antigo conglomerado na pior crise econômica, social e humanitária de sua história recente, com proporções dramáticas: a queda, inclusive, da expectativa média de vida da sua população.

Assentado sobre um dos dois maiores arsenais nucleares do mundo, sobre todo o cabedal de conhecimento amealhado pela KGB, apoiado nos quadros remanescentes dela, que se transformou na FSB, *Federal Sluzhba Bezopasnosti*, e em métodos de atuação bastante “crus”, se comparados aos “bem cozidos”, praticados pelas agências ocidentais, como a CIA e os britânicos MI5 e MI6, além de outras agências não menos brutais, Vladimir Putin se dispôs a liderar o restabelecimento da agora Federação Russa como uma potência mundial.

Tornou-se o inimigo palpável (o “terrorismo islâmico” era eficaz neste papel, mas impalpável) que organismos como a OTAN e o também impalpável “Estado Profundo” dos EUA precisavam para se manter vivos e em expansão. “Estado Profundo”: o conglomerado de inteligência, serviço secreto, *think-tanks* privados, *National Security Agency* mais suas empresas de terceirização que, junto com antigo complexo industrial-militar, passou a ditar os termos da política externa norte-americana para democratas e republicanos.

O cerco contra a Rússia veio substituir o cerco contra a antiga União Soviética. A islamofobia, com seu conteúdo fóbico veladamente racista e sua fobia cultural, parecia uma prima do sempre-vivo antissemitismo tradicional e por isso pouco atraente para social-democratas, verdes e liberais, mobilizando mais e melhor o extremismo de direita em defesa da Europa “cristã”. Mas o inimigo russo mobilizava a antiga russofobia, revivia a soviétofobia e estava ao alcance da mão, irmanando-se à sino ou chinofobia, alimentada também pela dependência econômica crescente do mundo inteiro em relação aos ex-comunistas chineses, hoje capitalistas avançados a ponto de fazer inveja a *Wall Street*.

Além disto mobilizava também o mesmo DNA soturno da “Europa cristã”, pois Vladimir Putin, mais que o enigmático mundo chinês, tornou-se a caricatura perfeita do demônio ameaçador, com seu estilo que mistura a cara de pau de um jogador de pôquer, a sutileza agressiva de um enxadrista e a grossura manifesta de um lutador de vale-tudo. Qualquer dúvida, consultem o Lúcifer de *O paraíso perdido*, de John Milton, Livro II. Fantasiado com valores iluministas e iluminados, o Velho Mundo medievo renasceu de sua velhice: a guerra na Ucrânia assumiu os ares de uma luta de Davi contra Goliás, e de uma Cruzada contra o blasfemo.

a terra é redonda

A condenável invasão da Ucrânia foi a cereja deste bolo confeitado que deu nova vida à Guerra Fria que ameaçava mofar-se dentro do armário. Fria? Abriu as portas para uma Guerra Quente por parte da OTAN, dos Estados Unidos e do Reino Unido, mas terceirizada: estes três contendores mostram-se dispostos a lutar até o penúltimo (não o último) ucraniano.

Penúltimo: porque o principal desta guerra é o enfraquecimento da Rússia de Vladimir Putin. Se a Ucrânia for completamente destruída, aquele objetivo naufraga. Putin, para defender-se, pôs-se debaixo da asa chinesa. Não padece do isolamento que o Ocidente lhe desejava, mas levou uma tunda na votação da ONU que condenou a invasão, tanto devido aos 140 e tantos votos contrários a ela, quanto, e sobretudo, pelas quase quarenta abstenções e ausências de tradicionais aliados, como a própria China.

Como no caso das armas de destruição em massa (inexistentes) em 2003, justificando a invasão do Iraque, a parte domesticada da mídia *mainstream* do Ocidente, que é maioria, acorreu célere, adotando as balizas de seu *parti-pris*: demonização da Rússia, com a linha de denunciar apenas os supostos (ainda carecem de comprovação, na maioria dos casos) crimes de guerra por parte das forças russas; fazer vista grossa sobre os possíveis (também carecem de comprovação, na maioria dos casos) crimes de guerra das forças ucranianas; cobrir com o véu do esquecimento ou da minimização os vínculos de batalhões como o Azov e o Aidar, com símbolos e práticas nazistas, bem como os crimes cometidos pelos neonazis durante e depois do golpe de 2014 contra esquerdistas e os russofalantes da região do Donbass; descrever desde sempre a ação russa como derrotada; enaltecer o “heroísmo” do ponta-de-lança do Ocidente na empreitada, o comandante Zelensky e seu cuidadoso jogo-de-cena visual, como arma eficaz e necessária contra o demônio do outro lado da fronteira. Além disto, eximir a OTAN e os Estados Unidos de qualquer responsabilidade pela formação do clima favorável ao conflito armado e bater na tecla da necessidade de fornecer armas e mais armas para o governo de Kiev.

A guerra quente está num impasse, com a Rússia estabelecendo seu predomínio sobre a região fronteiriça do Donbass e da Crimeia, o que compreende o controle sobre os portos ucranianos; a guerra híbrida na mídia vai de vento em popa, conquistando corações e mentes para a nova beligerância que galopa de crina solta sobre o continente europeu. Muita gente que até um ano atrás ia para manifestações cantando *Bella Ciao* ou lembrando de *Where have all the flowers gone* cobriu olhos com as cores da bandeira ucraniana, entupiu seus ouvidos com a pregação belicosa de Volodymyr Zelensky e encheu sua boca com a “necessidade” de enviar armas e mais armas para Kiev.

A paz e a diplomacia perderam ações neste mercado de almas, enquanto o investimento no espírito da guerra capitalizou ganhos e dividendos extraordinários. Críticas ao comportamento da OTAN, dos Estados Unidos e de seus aliados, como o encarniçado Reino Unido ou os veementes governos do Báltico e o abertamente autoritário da Polônia, passaram a ser vistas como “linhas auxiliares do jogo sujo de Putin”. No mínimo o que se ouve é “não é hora de fazê-las”, se não se sente o cutucar do dedo duro apontado para o “traidor”.

Em resumo, a bandeira da paz está em situação crepuscular, enquanto a aurora de dedos cor-de-rosa faz a da guerra levantar-se no horizonte. Há manifestações pela paz, sim, e pelo fim desta guerra macabra que está destruindo a Ucrânia, com a suspensão mútua da beligerância. Na Alemanha foi publicado um manifesto corajoso de 400 intelectuais que vai nesta direção; artigos e declarações valentes têm saído por parte de tradicionais pacifistas e críticos de todos os imperialismos. Seus autores e signatários vem sendo estigmatizados como “traidores” ou no mínimo “ingênuos”, lembrando os velhos tempos em que criticar o imperialismo norte-americano implicava o rótulo de “inocente útil”. Na Europa recrudescceu um “eurocentrismo híbrido”, em defesa de seus “valores ameaçados”. Híbrido? Sim, porque tem entre seus alicerces o assentar-se sobre a militar *pax* norte-americana, recheada de seus soldados no continente europeu.

De longe, mas com um olhar muito próximo, a impassível esfinge chinesa a tudo assiste. Afinal, até o momento, é a única vitoriosa neste conflito que esfarrapou a bandeira da paz.

PS: Por favor, ninguém venha me dizer que estou defendendo a invasão. Jogador de pôquer, enxadrista, ou karatê-kid, ou ainda tudo junto, Vladimir Putin tinha razão em queixar-se da expansão provocativa da OTAN; perdeu-a, ao responder a provocação com a investida militar contra a Ucrânia.

***Flávio Aguiar**, jornalista e escritor, é professor aposentado de literatura brasileira na USP. Autor, entre outros livros, de *Crônicas do mundo ao revés (Boitempo)*.